

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Violência, abuso e exploração sexual em alguns contos da obra Histórias
do Rio Negro de Vera do Val

Bolsista: Raabe Emy Souza Lima, CNPq

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIBIC – 2014

Violência, abuso e exploração sexual em alguns contos da obra Histórias
do Rio Negro de Vera do Val

Bolsista: Raabe Emy Souza Lima, CNPq

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Wiggers

Coorientadora: Maria Sebastiana de Moraes Guedes

MANAUS

2014

Violência, abuso e exploração sexual em alguns contos da obra Histórias do Rio Negro de Vera do Val

Resumo: Este trabalho busca uma interpretação, através dos contos Das Dores, Giselle e A Cunhã que Amava Brad Pitt da obra Histórias do Rio negro de Vera do Val, de casos de violência, abuso e exploração sexual de meninas/ mulheres em Manaus. A análise tem como base parte dos trabalhos realizados por pesquisadores do Núcleo Azulilás (UFAM). As histórias literárias são um espelho distorcido do real social, semelhantes e dessemelhantes, vão procurar dizer/mostrar de uma forma poética e sofrida mazelas/problemas tão corriqueiros em nossa sociedade.

Palavras chave: violência; exploração sexual; literatura; contexto social.

Introdução:

A obra *Histórias do Rio Negro* da autora Vera do Val é um livro que se apresenta em contos, aqui serão apresentados apenas três que são intitulados *Das Dores*, *Giselle* e *A Cunhã* que Amava Brad Pitt, através desses será feita uma interpretação de casos de violência, abuso e exploração sexual de meninas/ mulheres em Manaus. O objetivo desse trabalho é pensar sobre a violência sexual infantil por meio de textos literários, os contos de Vera do Val nos mostram uma Amazônia de pessoas pobres e sofridas e de maneira poética sugere certos tipos de violência, o que se pretende é perceber nessa possível forma de realidade (a literatura) e pensar o que nessas narrativas se assemelha com casos de abuso e exploração de crianças na nossa realidade social e cultural e se estamos falando de uma particularidade Amazônica ou se essas histórias podem ser comuns a outros lugares.

O trabalho se divide em uma apresentação da obra, depois irá se decorrer sobre casos de abuso e exploração sexual estudados por pesquisadores do núcleo *Azulilás*, da Universidade Federal do Amazonas, em seguida como a literatura, ou mais precisamente a obra *Histórias do Rio Negro* de Vera do Val, vê e aborda tais problemas sociais, nesse tópico ainda se apresentam as histórias de *Das Dores*, *Giselle* e *A Cunhã* que Amava Brad Pitt, que foram agrupadas pelo que essas têm de semelhante entre si e por fim tenta-se pensar sobre a relação dessas histórias literárias e a nossa realidade social e cultural.

O romance estilizado e a Amazônia de Vera do Val

A obra “Histórias do Rio Negro” é um livro que se apresenta em contos, mas é interessante observar que as histórias possuem certa relação, pode-se notar que os enredos aparentemente encerrados tem uma continuidade; “Histórias do Rio Negro” um romance fragmentado no qual as histórias não acabam quando acaba o conto. Dos que serão apresentados nesse artigo dois deles possuem essa característica de continuidade, “Das Dores” tem a prorrogação de sua história narrada ainda em “Alzerinda”; e “Giselle” em “Vida de Santo” e “Dorvalice”. Na obra a maioria das histórias é sobre o cotidiano de algumas mulheres que vivem no ambiente Amazônico e que se relacionam com um ser masculino representando não apenas por um personagem homem /ser humano, com os quais algumas delas mantêm um laço afetivo e sexual, mas que também pode ser visto na relação que essas mulheres mantêm com o Rio Negro, em sua presença e nas características humanas que ele manifesta.

Todos os contos do livro apresentam uma personagem em comum: O Rio Negro, ele, personificado, é o macho nas histórias, o ideal masculino, por onde todas as histórias passam. Revela-se em algumas histórias como conquistador das cunhantãs, guarda o boto e é pai de boto, o fertilizador que emprenha a floresta, ouve o lamento dos velhos, rio ciumento, que ama, se vinga, conversa e possui personalidade. Na história da Cunhã, o rio se apossa dos devaneios de Luzilene, se vinga da traição que é o amor da menina pelo loiro Brad Pitt, endoidecido provoca a cunhã, embala os seus delírios, perturba e engana a menina quando libera o boto, que em forma de Brad Pitt toma para si o que acredita ser seu. A visão apresentada sobre o rio traz as noções, na perspectiva da autora, da masculinidade do lugar? O Rio Negro é, na obra de Vera do Val, representação do “macho amazônico”?

As histórias contadas por Vera do Val são de um povo pobre e sofrido, e expressam um olhar de ternura e sensualidade sobre a região, são narrativas que falam da relação entre homens e mulheres com as peculiaridades de um lugar. Provocam sensações e emoções tão elevadas que são difíceis de serem verbalizadas.

Os contos apresentados no livro não são histórias sobre abuso e exploração sexual, porém eles, sutilmente, permitem a percepção da crítica a essa prática. Giselle, por exemplo, ter sido abusada - “Foi seu Anésio, o do bar da esquina, quem abusou da menina” - é o que vai mover sua história? O abuso sexual sofrido por ela vem

acompanhado na narrativa: “E ela gostou”, mas o abuso sexual aqui é decisivo ou apenas aproveitado para entender o conto? Em “Das Dores”, houve a quebra de uma regra no relacionamento de Das Dores e Chico, o casal tinha um acordo e o rompimento deste gera consequências na vida da protagonista. Já Luzilene permitia que o velho da loja lhe fizesse carícias, contanto que ele lhe comprasse as sobras do que ela não conseguia vender, mas “a menina guardava o amor e o que abria era só as pernas”, em sua história o que nos surpreende é a presença do ser mágico, o boto, que liberado pelo rio e utilizando-se de suas propriedades mágicas engana a menina, ela está “mergulhada no iludimento” e assim o rio pega de volta o que acreditava ser seu. O fato de serem permitidas as carícias do velho tira a menina do lugar de exploração sexual? Ou melhor, essas carícias serem em troca do velho comprar o que a menina não conseguia vender, torna isso exploração sexual? Qual a noção de abuso e exploração sexual presente na região?

Essas questões nos fazem pensar não apenas sobre as noções de violência, abuso e exploração sexual, mas em como a literatura discorre sobre esses determinados assuntos, como a arte literária vai expor e trabalhar com essas questões e realidades sociais.

Violência, Abuso e Exploração Sexual

Este trabalho surge a partir dos projetos de iniciação científica e extensão que vem sendo realizados no Creas (Centro Especializado em Assistência Social), de Manaus, por pesquisadores do núcleo Azulilás (UFAM). O Creas atende vítimas e autores de abuso sexual e também mulheres vítimas de violência doméstica. Através dos textos de Honorato (2012) e Wiggers (2000), tive acesso a alguns casos de crianças que sofreram abuso sexual. Os casos descritos por Honorato são em sua maioria de meninas entre seis e doze anos de idade, todas foram vítimas de abuso sexual.

Um dos casos que mais me chamou atenção no trabalho realizado por Isabelle Honorato¹ (2012) foi o de Melissa e Emily², porque estes apontam semelhanças com os contos que escolhi trabalhar na obra de Vera do Val. Melissa foi abusada sexualmente

¹ Quando falo do trabalho realizado por HONORATO, refiro-me ao Relatório de PIBIC (UFAM, 2012) e ao artigo intitulado Abuso sexual: conflitos familiares e relações de poder em casos atendidos no CREAS Nossa Senhora das Graças em Manaus.

² Os nomes são referentes ao Relatório de PIBIC (UFAM,2012) de HONORATO, a autora os escolheu ao ver o filme “Duas irmãs em Perigo”, em que as protagonistas, Melissa e Emily são duas irmãs e buscam livrar-se de maus-tratos.

pelo pai e o ato foi visto pela mãe/esposa, que denunciou o caso a polícia. A menina foi ao IML para fazer o exame de corpo e delito e através dele se constatou que havia material genético do pai na roupa da criança. O pai foi preso. Mas, no dia do julgamento a mãe/esposa afirmou ter mentido sobre tudo e por raiva do pai/marido inventou toda a história, e mais, disse que colocou o esperma do marido nas roupas da filha para que ele fosse preso. O pai foi liberado. Porém com alguns dias do seu retorno ao convívio familiar tornou a praticar o abuso, mas dessa vez com a filha Emily. O caso retornou a polícia pela queixa da mãe/esposa e o abuso foi comprovado. O pai em liberdade aguardou o julgamento, mas afastado do convívio familiar.

Algumas questões pouco esclarecidas sobre o caso nos deixam com a sensação de falta. Por que a mãe/esposa desmentiu sua primeira história em favor do pai/marido? Onde está Melissa no momento que a mãe retira a queixa contra o pai? De acordo com os relatos descritos por Honorato (2012), a mãe/ esposa diz que estava sendo ameaçada de morte pelo pai/marido, porém esse não é o único motivo constatado por ela, além das ameaças, a família, agora que o pai estava preso, não tinha renda, já que a mãe estava desempregada, e de acordo com a mãe/esposa “não dava pra sobreviver sem o dinheiro que o pai trazia para casa”. O pai é flanelinha.

Como foi dito acima depois da retirada da queixa contra o pai, este retorna para o convívio familiar e pratica novamente o abuso, mas com a filha Emily. Nos relatórios não consta quanto tempo se passou desde a prisão do pai até o dia do seu julgamento, antes disso, diz-se apenas que Melissa tinha doze anos de idade e Emily, nove. Por que o pai não voltou a praticar o abuso com Melissa e sim com sua outra filha, Emily? Nas falas da mãe, Melissa não fica mais em casa por muito tempo, talvez pela sua ausência, Emily tenha se tornado o alvo do novo abuso. Porque a mãe, agora, mantém a queixa contra o pai? O julgamento, desta vez, é aguardado pelo pai em liberdade. A mãe passa a receber do agora ex-marido uma pensão de R\$ 10,00 e continua a queixar-se que é ameaçada por ele todas as vezes que vai buscar o dinheiro.

É interessante observar como as irmãs são relatadas depois dos fatos ocorridos. Na fala da mãe “Melissa estava namorando e possivelmente grávida, envolvida com drogas, além de ficar muito tempo fora de casa.”(...), diz ainda que não é mais respeitada pela filha. Melissa assume o uso das drogas e perguntada sobre o abuso sexual suas falas são escassas, mas o que a incomoda mais, além da chacota das colegas, é quando julgam

Emily, sua irmã. Emily é descrita em situação de exploração sexual e faz programas com homens mais velhos em troca de presentes e dinheiro. Sua fala não é observada, tudo que se tem sobre ela está na voz de um terceiro, a mãe ou a irmã.

A família vive em péssimas condições socioeconômicas, Melissa “não está em casa”, a mãe é desempregada, Emily agora desloca-se para as margens, tanto sociais quanto, em relação ao seu lugar na família, está numa zona de exploração e observa-se que ela ainda “continua em casa”. Com uma renda tão baixa, o lugar ocupado por Emily traz de algum modo o sustento e a sobrevivência para a família?

Violência, abuso e exploração sexual são problemas sociais. O caso narrado acima nos faz refletir sobre a questão e nos impulsiona a falar e ver a violência, abuso e a exploração sexual como um problema que precisa ser denunciado, tratado e punido.

De acordo com Honorato (2012):

“Abuso sexual contra crianças e adolescentes é o ato de submeter à criança ou adolescente, através da violência sexual, ao poder e a coerção do adulto, com a finalidade de subjugar e manter ou adquirir o controle sobre a criança e/ou sobre os responsáveis por ela”. (2012).

As notícias sobre abuso e exploração sexual de menores têm sido cada vez mais frequentes nos meios de comunicação do Estado do Amazonas, no ano de 2011 registrou-se cerca de 3,375 ligações, ao Disque 100, relacionadas a denúncias de abuso e exploração sexual de crianças e adolescente. No mês de novembro do ano de 2012, as notícias chegam às esferas nacionais, pode-se encontrar cerca de duas ou mais matérias relacionadas à exploração sexual de crianças e adolescentes nos municípios amazonenses e na capital do estado nas páginas de jornal com: A Folha de SP, O Estadão, O Jornal do Brasil, entre outros.

Essas matérias vinculadas a CPI da pedofilia, que trata de alguns políticos locais, supostamente envolvidos em uma zona de exploração sexual de menores, falam do lugar subjulgado em que se encontram essas meninas, objeto de exploração que tem sua virgindade negociada/ vendida por vinte reais ou um celular, no jornal A Folha de São Paulo a matéria é intitulada “Virgindade de meninas índias vale R\$ 20,00 no Amazonas” ou em alguns casos a virgindade da filha é o preço para dar emprego ao pai da família.

A literatura aqui vai procurar dizer, vai ao encontro dos não ditos sociais, pois em um ponto de vista mais ou menos social e político, ela é uma expressão/ interpretação estética das nossas relações com o mundo que irão ser assimiladas como fator de arte. A literatura exagera, poetiza, revela, inventa e busca despertar esperança, denunciar as injustiças, violências e outras mazelas sociais. (Montagnari, 2010)

E as histórias literárias?

As histórias literárias são [re]construções da realidade, feitas de palavras que foram desenraizadas, puxadas de suas conexões habituais, desautomatizadas da fala cotidiana, vocábulos que se tornam únicos. Assim, a literatura desempenha um papel intertextual com o real social, as histórias literárias são um espelho da realidade, mas um espelho distorcido, semelhante e dessemelhante, o poeta ou escritor recria a realidade de um povo, inventa, pois mesmo que as histórias não tenham bases reais elas são formuladas e inspiradas no possível dentro de determinado contexto, utilizando-se de palavras necessárias e insubstituíveis, desautomatizando a linguagem usual do povo, o que causa espanto e reconhecimento no leitor.

Assim é que, com certa frequência lemos nos jornais da nossa cidade notícias sobre abuso e exploração sexual de crianças, além de escândalos com poderosos políticos que abusam de menores, prevalecendo-se dos cargos que exercem para, muitas vezes forçarem os pais a cederem suas filhas menores virgens. O pior é a comunidade ter conhecimento desses fatos e calar-se para não perder seus meios de sobrevivência.

Como vimos acima o poeta traduz o pensamento e a voz da sua comunidade manifestando-se de forma artística, porém buscando sensibilizar esta mesma comunidade que se cala diante das injustiças, para o despertar da consciência crítica na defesa da sua efetiva cidadania. Exemplo disso é a escritora Vera do Val que em seu livro *Histórias do Rio Negro* traz os traços da cultura do povo amazônico, conta sua realidade, suas dores, seus medos, exalta sua sina, revela e transcende a sociedade, pois escreve com as palavras do povo, atribuindo todo um encantamento que toca profundamente a sensibilidade de quem o lê.

Afirma Bahktin (1963, p. 263), que as palavras são unidades migratórias, ou seja, que derivam de outro contexto, porém são carregadas de ecos, que não podem se

desvincular do seu sentido original, da “palavra povoada”, surgindo daí o que conhecemos como intertextualidade. A intertextualidade, aqui, vai trazer para o poético o que é histórico, no sentido de cotidiano. A partir do conhecido, o autor faz surgir as diferentes perspectivas. O universo de “Histórias do Rio Negro” é criado a partir dos vocábulos de uma comunidade, as histórias de Vera do Val tem a particularidade de um ambiente, o Amazônico, porém carregadas de denúncias das violências praticadas que se perpetuam sob a máscara de procedimentos culturais, e aqui nos referimos ao conto “Giselle” que aos treze anos troca sua virgindade por um guaraná gelado e meia dúzia de balas de goma.

O dizer poético cria histórias que são possíveis dentro do contexto social de determinado lugar, mas ao mesmo tempo recria o lugar, o contexto social, desafia o possível, por isso resulta no espanto e na admiração. É algo mais que dizer uma verdade, tudo é e não é. “As histórias literárias criam realidades, transcendem os limites de uma caracterização, possuem uma verdade a de sua própria existência.” (Octavio Paz, 1982)

Vera do Val não apenas descreve, mas apresenta uma Amazônia, sugere ao leitor uma perspectiva, sua perspectiva, do Rio Negro, das lendas, da relação mágica do povo com a mata e com o rio; não há em sua obra apenas uma descrição solta da exploração sexual a qual Giselle é submetida, o abuso do boto enganador sobre a personagem de Luzilene, nem a violência sofrida por Das Dores. Ela coloca as histórias diante de nós. No jogo do é e do não é ela não apenas diz, mas mostra. Não representa, apresenta. Recria, revive a experiência do real.

“A linguagem, tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem.

Ou seja: conjunto de signos móveis e significantes. O poema transcende a linguagem.” (Octavio Paz; O arco e a lira. Pág. 135).

Até que ponto a realidade dessas mulheres descritas por Vera do Val podem se aproximar das situações de violência doméstica, abuso e exploração sexual? Uma menina que foi abusada e por meio disso descobriu como podia ter tudo que queria se sentiu abusada? Sentir-se abusada, qualifica o ato como abuso sexual? A realidade contada pela autora é apenas amazônica ou é comum a outros lugares?

Os contos apresentados abaixo foram descritos aqui, apontando as semelhanças que possuem entre si, primeiro discorre-se sobre as mulheres, em seguida os homens e assim por diante. Os agrupamentos seguem uma ordem para a narração das histórias, começando pela de Das Dores (Saúva), depois vem a de Giselle (Janete) e por fim a de Luzilene (A cunhã que amava Brad Pitt).

- As Mulheres

“Muitas histórias corriam a respeito dela.”³

Mulher de dois nomes, quase duas personalidades, Das Dores, também era conhecida como Saúva nas tardes, este nome nascera na zona de prostituição, por associação à formiga que possui abdômen delgado e traseira com quase o dobro do seu tamanho. Foi então no prostíbulo da Sarará que Chico conheceu a venus calipígia pela qual desenvolveu um paixão que marcará de forma trágica a vida não só dele como também das mulheres próximas – Das Dores e Alzerinda.

“A mulher desce o barranco bonita como uma aparição. Orgulhosa, na sua beleza mestiça, trazia nos olhos girassóis, nas ancas o balanço do rio, no andar a suavidade dos peixes.”

Diziam que vinha da mata fechada filha de seringueiro perdido e índia cinta-larga, nas manhãs era Das Dores, nas tardes Saúva, era prostituta pelo gosto a profissão, mas conhecida como “puta” séria, pois não dava confiança para homem se não estivesse na casa de Sarará, cafetina famosa na boca do rio. Saúva se tornara a puta mais disputada do cabaré e por esse motivo era a “prata da casa”. Os traços de Saúva/ Das Dores contradizem o desfecho de sua história, conhecida pelo mau gênio e por ser teimosa, ela era matreira e herdara do pai a coragem nômade e o sangue quente. A mulher tinha um nome que lhe entregava a sina, aquele a dar título a sua história: Das Dores.

Se o que essa tinha de farto era a bunda, Janete por outro lado era todinha um manancial. Nasceu na beira do rio, mas veio pra a cidade quando ainda era pequena, sua mãe logo a pôs para trabalhar em casa de família por acreditar que lá era o lugar para a filha aprender as coisas.

³ No tópico “As mulheres” inicia-se o contar das histórias literárias e essas irão até “O amor”, todas as citações aqui serão do livro “Histórias do Rio Negro” da autora Vera do Val (2007).

“Janete era o que se pode chamar de mulher farta. Não que vivesse no bem-bom, coitada, nem sabia que isso existia; é que era uma mulher cheia de carnes, tudo no lugar certo, nada de miséria, isso não era com ela.”

O riso da menina quem o ouvia não se esquecia, pois era como o espalhar de passarinhos e mais, contagiava. Apesar de a mãe ter a pretensão da menina colher aprendizado nas casas de família onde trabalhava, essa vivia no “mundo da lua” e sempre acabava por ser despedida. Aos treze anos de idade ela conheceu homem, persuadida por um guaraná gelado e meia dúzia de balas de goma Janete permitiu que o velho Anésio, como narra o conto, “fizesse a festa”. A partir daí a garota resolveu aperfeiçoar seu lado sexual, pois passou a entender que dessa forma podia ter o que quisesse.

“Era ambiciosa. Viu que no meio das pernas estava o seu futuro. E o futuro para Janete era um guarda-roupa bem posto, sandálias de plataforma, umas quinquilharias, uns perfumes e uma televisão.”

Mas foi através dos cuidados de Duda, o cabeleireiro da rua, que Janete ficou pronta para ir atrás de seus objetivos, pois ele cuidou da moça e transformou-a em “uma deusa” e fez o mais importante de tudo, mudou-lhe o nome a fim de torna-la mais atraente.

“Fez mais. Fez o mais importante: rebatizou Janete de Giselle. - ... Ora se Janete é nome de gente bem...Claro que não. Tu precisa é de nome fino, sofisticado. Com dois eles... – Dizia ele fazendo bico. - ...Gisélllllle...”

Já Luzilene era miúda, tinha mãos e pés pequenos, mas firmes que sabiam bem onde a levavam, morava num flutuante no Tarumã. A menina era o apoio de sua família, pois tinha um irmão pequeno e doente e sua mãe não podia trabalhar como antes. Luzilene não era preguiçosa, trabalhava duro vendendo no centro da cidade o que sua mãe fazia e recolhia dos vizinhos, carregava consigo sacolas cheias de panos de prato, toalhinhas de crochê, tapetinhos de banheiro e outros quinquilharias.

“Essa era Luzilene, e não se engane você com sua pequenura de menina. A meninice até não estava longe, mas era mulher feita e já tinha experimentado as coisas da vida.”

A menina nos mormaços dos domingos era embalada pelo balanço do flutuante e os devaneios com Brad Pitt, que conhecera apenas nas telas de cinema, mas que amava, sem mais.

“Luzilene guardava o amor como um tesouro. [...] E o que abria era só as pernas, porque o coração permanecia a sete chaves. Ia daqui e dali, enfim se resolvia.”

- Os homens

Na casa de Sarará, Chico conheceu Saúva e virou cliente repetido, como havia enriquecido no garimpo e estava apaixonado pela mulher propôs-lhe casa e outras coisas, mas ela sabendo o quanto o dominava, aceitou a proposta contanto que as tardes fossem dela; fazia desse tempo o que bem entendesse sem ter que dar satisfação.

“Chico era um bom homem, lhe fazia os gostos, lhe dava conforto, mas era só.”

O homem era reservado, mas todos tinham notícia de sua faca, na qual carregava meia-dúzia de riscos cada um para uma alma que ele havia despachado e de Saúva ninguém ousava falar perto dele.

“Cuidava do seu homem. Pelas manhãs lhe preparava a tapioca a gosto e as noites eram puro deleite. Mas nas tardes calorentas e suadas a Saúva atendia os que tinham mais sorte lá na casa da Sarará.”

Para Chico não existia Saúva, era apenas Das Dores e ninguém ousava tirar graça, pois “o homem era graúdo e rápido na faca, disso todo mundo tinha notícia.”. Quando se juntaram Chico e Das Dores fizeram um acordo, como a mulher gostava do que fazia ele aceitou a sua condição, mas impôs que ela não se dedicasse a um só homem, que seus carinhos fossem distribuídos sem privilégios. Ela aceitou. E viviam assim até que um moço claro, com jeito de gringo apareceu pela cidade.

O estrangeiro vendo a Saúva perdeu o rumo, e a mulher faceira percebendo tudo se dedicou a fazê-lo estremecer, porém como se a ela não importasse. Inicialmente era apenas a sedução que a satisfazia devido ao acordo com Chico, porém numa das tardes na casa de Sarará o gringo apareceu por lá.

“Saúva se eriçou toda, chamou a negrinha que anotava os pedidos. – Tá vendo lá, o loiro aguado no canto? O de camisa azul? Esse é meu e não quero enxerida.”

Anésio foi o homem que Janete conheceu aos treze anos de idade. *“Foi seu Anésio, o do bar da esquina quem abusou da menina. E ela gostou. Em troca de um guaraná gelado e meia-dúzia de balas de goma, ele fazia a festa.”* Depois ela decidiu se aperfeiçoar e junto com a mãe elaborou um plano para encontrar um homem que a sustentasse. Armou-se toda para encontrar o alvo. Dona Oró achou.

Era o doutor Raimundo. Dona Oró levantou-lhe a ficha e soube que era casado, mas tristonho e de pouca conversa, o dentista da praça, um cinquentão meio careca, mas tinha suas economias guardadas no Banco do Brasil.

“Dona Orozimba fincou os olhos no doutor. Fincou e gostou. Era ele.”

Depois que a mãe aprovou o doutor, colocou Janete, que agora se chamava Giselle em ação, a menina passou a frequentar o consultório todos os dias com a desculpa de amiga da recepcionista e botava o velho doido, era só ele aparecer que ela dava um jeito de remexer as ancas e evidenciar o decote.

“O pobre não teve chance de escapar. Ela foi chegando mansinha, cara de menina safada, o velho perdendo a fala, acuado, ela achando os predicados dele e, quando se viu, o tapete da saleta estava uma barafunda. Era roupa voando e gemido afogado para todo lado. Depois disso o velho viciou.”

Logo que sabido como o velho não vivia mais sem Giselle, dona Oró entrando em cena como mãe dedicada e preocupada com a reputação da filha apertou o doutor Raimundo que abriu mão da casa e esposa e se compromissou.

Outro personagem é o seu Jeru, dono de uma loja no centro da cidade aproveitava-se da Luzilene promovendo uma barganha: quando a cunhã não conseguia vender todo o seu material o velho comprava a sobra em troca de carinhos íntimos nos fundos da loja, enquanto isso ela sonhava com o seu amor platônico, Brad Pitt que conhecera em filmes.

“Atrás de uma pilha de sacarias, longe das vistas, o velho Jeru se achegava de manso e a bolinava um pouco. Luzilene fechava os olhos, sonhava com Brad Pitt e escorria nos

dedos do velho. E isso era tudo. Uma troca que lhe convinha, pois lhe poupava trabalho e ainda lhe dava uns trocados.”

Brad Pitt era o homem que povoava a mente e o coração da cunhã Luzilene, ela conhecera o loiro quando numa tarde de folga foi ao cinema com a amiga. Passou a ser o amor de sua vida e suas fotos preenchiam as paredes do cantinho que ela tinha só para si no Flutuante, era ele que ocupava os seus pensamentos nos domingos nos quais sonhava e era embalada pelo balanço da rede e do rio.

“Quando bateu o olho, no escuro, na belezura do Brad, foi tiro e queda. Ali mesmo ela pasmou, chorou de amor. Achou lindo igual a anjo de igreja, e quando apareceu de pertinho, com aqueles olhos da cor do céu, parecia que olhava para ela. E ela se desmanchava. Por uns dias Luzilene grudou no cinema.”

- As mães

Da mãe de Das Dores só se tinha notícias, pois diziam que a menina tinha vindo da mata fechada e era filha de índia cinta- larga. Mas nas histórias de Giselle e também de Luzilene essas são personagens constantes.

A mãe de Janete/ Giselle era dona Orozimba parteira que se mudara para a capital com a filha ainda pequena, dizia que “na capital também se paria, e parteira era um trabalho que não tinha tempo de seca nem conversa fiada.” Além disso, era parteira de mão cheia. Colocou a filha para trabalhar em casa de família, porém depois de perceber como Janete com o tempo ficara esperta, não que a menina tivesse aprendido algo nas casas em que trabalhara, pois não durava muito tempo já que era desligada por viver no mundo da lua resolveu aproveitar-se. A esperteza da menina vinha de suas experiências sexuais e do fato dela ter percebido que “no meio das pernas” tinha o passaporte para a vida que queria e a mãe que havia se dado conta disso queria também sua parte no futuro promissor da filha.

“Dona Orozimba que não era boba nem nada, percebeu que devia se mexer para ter sua parte nesse futuro. De bens na vida só tinha a filha, e pelo que estava vendo era um bem que podia lhe render bons frutos.”

Chamou a filha para conversar e lhe fez propostas e assim começou a ajudá-la. A primeira providência que a mãe tomou foi mandar a filha para a igreja fazer promessa para o santo das causas impossíveis e depois foi atrás de Duda, o cabeleireiro da rua para dar jeito na menina, o tal fez tudo fiado, pois também percebeu que Janete tinha futuro e assim persuadido agarrou-se nisso.

Foi dona Oró que achou o alvo certo para Giselle, sondou a vida do doutor Raimundo, dentista da praça, através da recepcionista da qual havia feito o parto e no fim também arrematou o caso, pois no papel de mãe dedicada e preocupada com a reputação da filha pôs o doutor contra a parede e findou o caso a seu favor e também da filha.

“Uma noite o velho sai do consultório já animado, achando que ia encontrar sua deusa, e depara com dona Oró na sala de espera. Ela vestia uma roupa preta de viúva, gola fechada no pescoço, cara séria, cenho franzido... – Isso não está certo, minha filha é moça de bem... A rua está toda falando, o senhor que tome tenência... Vou mandar Giselle para a família no interior, isso não pode ficar assim...”

A mãe de Luzilene estava “mal passada dos quarenta” e já era gasta na pedalagem da máquina de costura, com o tempo tinha diminuído o ritmo e Luzilene ficava pelo sustento da família, a mãe cuidava do irmão da cunhã que era doentio e colhia na vizinhança umas coisas para a menina vender no centro da cidade. Aos domingos a velha saía com o menino para visitar os parentes e deixava Luzilene a sonhar com Brad Pitt, quando chegava cuidava de tudo para não perturbar a filha.

“A mãe lhe dava conselho, mas nada adiantava. Naquele apoucado de vida o que viesse era lucro, dizia ela. Luzilene aperreava que a mãe não entendia.”

No dia em que se deu o desfecho da história da cunhã, a mãe havia saído e devido à chuva forte que acabou por apagar a cidade inteira, ela ficou na casa dos parentes onde já estava a preocupar-se com a filha.

“A mãe de Luzilene tinha saído pela manhã em visita a uma parenta doente do outro lado da cidade e, por cuidadosa, resolveu por lá ficar mesmo, que não ia se meter embarafustada em toda aquela fúria das águas. Agarrou-se ao terço, que São José protegesse a filha e o flutuante.”

- Alguns lugares

- Principais lugares

Saúva começara sua carreira no **cabaré de Joana**, a Sarará, foi lá que conheceu Chico, que mesmo com esforços não conseguiu tirar a mulher de lá, porque ela gostava do lugar, gostava de Sarará e o mais importante: gostava da vida que levava. Lá se tornara conhecida e a mais disputada de todas.

“Chico era um bom homem, lhe fazia os gostos, lhe dava conforto, mas era só. Ela gostava de Sarará, gostava do cheiro da casa e da putaria.”

Passava as tardes no cabaré, mesmo depois de ir morar com Chico, pois esse era o acordo, as tardes ela não era Das Dores e sim Saúva e atendia os que tinham mais sorte. Depois do encontro que teve com o gringo na praça em frente ao hotel do Pedrosa(aquele lugar depois desse primeiro dia se tornou sua passagem diária), a Saúva só pode consumir seu desejo com o gringo quando ele apareceu na casa de Sarará, pois era apesar de prostituta, mulher de Chico e com ele tinha um acordo.

“Desse dia em diante ela mudou. Não adiantava mais a Sarará vir cheia de denço, pedindo para receber esse ou aquele ricaço que lhe jogava o ouro no colo e pedia a puta predileta. Saúva só tinha olhos para o gringo e só ele lhe fazia as graças.”

A **praça** se tornara um lugar de desejo, onde Saúva se esmerava ao passar e para o qual havia feito roupas novas e caprichado no visual, o que esse lugar tinha de especial era o encontro dissimulado que a Saúva tinha com o gringo. Encontro feito de não olhares, não falas, não toques, só desejo. A praça é o lugar onde tudo começa e no fim, onde tudo termina.

“Dia seguinte ela foi ao mercado e, quando voltava pela mesma praça, lá estava aquele diabo louro, sentado à mesa do restaurante do Turco. Tudo se repetiu. Ele a olhou assombrado, e ela fingiu que não via; e, nesse requebrado descuidado, o sol abrasando tudo, o brilho do suor no corpo, foi desfilando devagar, ele engasgando do peixe, ela caprichando no passo, ele arfando no peito, ela se dando ao deleite. Aquilo se tornou um hábito.”

Quando o gringo apareceu lá pelo cabaré da Joana foi levado pela mocinha que tinha a tarefa de oferecer as prostitutas, até o quarto principal e essa o deixou lá. “Uma sala

com uma cama grande e de lençóis muito brancos e frescos, ventilador zumbindo no teto, meia-luz provocada pela cortina estampada e um cheiro de magnólia no ar.” Era esse quarto da casa de Sarará que abarcava todo o desejo que vinha desde a praça, e que mais tarde na história torna-se pequeno para o “amor” dos dois tendo suas portas atravessadas e fazendo inveja às outras mulheres.

“Foi seu Anésio, o do **bar da esquina** quem abusou da menina.” Apesar de não ficar claro o local do abuso e deste aparecer apenas uma vez no conto, o bar por ser a ênfase feita após o nome do homem que abusou de Janete ficou marcado como o lugar de um ato ilícito. No decorrer da história, Janete, depois do abuso sexual começa a se aperfeiçoar sexualmente, a menina passa a ver o sexo como uma forma de obter as coisas que deseja. Dona Oró(a mãe) percebendo a filha e seus atributos aproveita-se disse, o conto coloca Janete como o único “bem” que a mãe possuía.

Assim, a senhora vai atrás de um bom partido para a filha que nesse momento já deixara de ser Janete e passara a ser de agora em diante Giselle. Dona Oró encontra o Doutor Raimundo, o dentista que tinha um consultório em frente à praça. Depois de levanta a ficha do doutor Raimundo, a mãe manda para lá Giselle com a desculpa de amiga da recepcionista e passa a fazer do consultório do doutor um lugar de passagem fixo, ela se insinua para o velho e no fim **o consultório** torna-se o local de encontro do doutor com Giselle.

“... e quando se viu, o tapete da saleta estava uma barafunda. Era roupa voando e gemido afogado para todo lado.”

A história da cunhã possui dois lugares que são marcantes, o primeiro é os **fundos da loja** onde ela era bulinada pelo velho Jeru, que lhe comprava as sobras do que ela não conseguia vender. Quando a menina chegava na loja ficava pelos cantos esperando o velho dar conta dela, e quando isso acontecia ele já sabia o que era, a cunhã fugia até os fundos da loja e lá esperava até que seu Jeru chegasse, ele a bulinava atrás de uma pilha enorme de sacarias, longe das vistas, alheias.

“Entrava na loja, ficava pelos cantos até ele se aperceber dela. Aí ele arrematava as sobras, era generoso, não sovinava. Como amor com amor se paga, em troca, ela, com cara de quem não quer nada, metia-se pelos meandros da loja e logo chegava aos

fundos. Atrás de uma pilha enorme de sacarias, longe das vistas, o velho Jeru se achegava de manso e a bulinava um pouco.”

Luzilene morava num **flutuante** no Tarumã, o local era bem pequeno, mas ela tinha um lugar para si, a mãe da menina tinha o costume de nunca deixar nada perturbar o sossego da filha quando esta estava em casa. A família da menina era bem pequena, tinha apenas a mãe e um irmão menor e adoentado. O lugar de Luzilene no flutuante era coberto por fotos de Brad Pitt, o moço era o amor da vida da cunhã e com ele ela sonhava nas tardes mormaçadas de domingo, embalada pelo balanço da rede e do rio.

“Morava num flutuante no Tarumã, desses de onde a criatura sai de manhã e não sabe se encontra quando volta.”

“Luzilene ia, no balanço moroso da rede, se enrolando na loirice do moço, no azul sorridente dos olhos e quando se via estava ela lá, toda pasmada com o que não tinha e não podia ter.”

- **Lugares Secundários**

A Saúva quando ia lavar a roupa do seu homem descia **o barranco** até o rio, na frente ficava um bar onde todos paravam seus afazeres para olhar a mulher, considerada por todos bela, mas ninguém ousava dizer uma palavra.

“No bar defronte as línguas se calaram, os olhos rebrilharam, as mãos suadas se esqueceram nos copos. Todos mudos, embevecidos, a ver a Saúva lavando a roupa do seu homem.”

Quando a mulher chegava em casa o lugar para onde ia era **a cozinha**, lá ela prepara a comida e era boa de quitutes, esse também é o lugar onde a vizinha Alzerinda vivia de olho, sempre era uma boca a mais na mesa. As conversas, entre Das Dores e Alzerinda, são todas na cozinha da casa da puta.

“Boa de quitutes, ela tinha aprendido com a mãe índia a fazer uma tartaruga de dar gosto. Alzerinda não perdia uma, era sempre uma boca a mais na mesa farta. Boca na mesa se na vida da Saúva, que falava pouco, mas era um bom ouvido.”

Depois de um tempo morando na cidade, dona Orozimba colocou a filha para trabalhar em **casa de família**, dizia que lá era o lugar certo para a menina aprender as coisas. O problema de Janete trabalhar em casa de família era que ela “vivía no mundo da lua”, nunca estava fazendo o que devia na casa. As patroas da menina sempre acabavam por manda-la embora.

“Quando se pensava que ela estava aqui no arear das panelas ela, ela já estava no portão arengando com o menino da venda. E a risada ia lá, se espalhando e invadindo as orelhas da patroa casmurrenta, não dada a esses desfrutes. Em parte por inveja, em parte por assanhamento mesmo, ela sempre acabava despedida.”

Na casa das patroas ricas, Janete aprendeu o que era luxo e um de seus desejos era uma televisão igual as que tinham na casa das patroas, um pouco antes de tornar-se Giselle, a menina foi **a igreja** fazer promessa para o santo dedicar-se a sua causa, ou ele ia passar uns tempo de cabeça para baixo, fez tanto que chegou a entontecer o santo.

“Levou vela, livro de reza e mantilha na cabeça. Na dúvida, também levou uma farofa bem temperada na bolsa, vai que o santo é disso, nunca se sabe. Rezou, implorou, fez bico, estonteou o santo. Até chantagem ela fez; ou ele se dedicasse ou ia passar uns tempos de cabeça para baixo.”

Era **no centro** da cidade que Luzilene tinha uma banqueta onde vendia seus panos de prato, toalhinhas de crochê, tapetinhos e etc., a cunhã acordava cedo, não era preguiçosa e ia para o centro fazer seu trabalho.

“Lavava-se no rio, ao pé da porta da cozinha, tomava banho com as estrelas. E com o brilho delas no corpo escovava a cabeleira, vestia-se como podia e lá ia ela, cheia de sacolas para o centro da cidade.”

Mas foi num dia de folga que uma amiga arrastou ela para **o cinema**, assistiram a um filme com Brad Pitt, foi ai que a menina se apaixonou pelo ator, a cunhã grudou no cinema depois disso, ia lá sempre pra ver e se deslumbrar com a beleza daquele moço tão branco. Quando o filme saiu do cinema, a menina chorou, ficou desolada, pois tinham levado dela o amor, seu Brad Pitt.

“Aquilo tinha começado numa tarde de folgança em que foi ao cinema com Silvilena. Até nem queria ir, mas estava de bubuia e a amiga acabou arrastando. Foi um

deslumbre só. Quando bateu o olho, no escuro, na belezura do Brad, foi tiro e queda. Ali mesmo ela pasmou, chorou de amor.”

- O Amor

A representação do amor na história de Das Dores vem junto com a presença do gringo na cidade. Ele se inicia em insinuações, num não amor, num desfilhar e num não dar-se conta. A relação da Saúva com o gringo é cheia de erotismo, que descrito poeticamente tende ao amor.

“Depois do gozo apressado e forte, ambos mudos, ele se pôs a explorar o corpo dela, procurando os desvãos todos, regando de saliva as coxas, se perdendo naquela morenice que gemia e arqueava, enquanto ele lhe ia comendo aos poucos. Quando ele se fartou de trincar os dentes, ela se inclinou sobre ele e bebeu de sua fonte, devorou o azul dos olhos e se maravilhou com a alvura da pele.”

Depois que se encontram na casa de Sarará (encontro que se dá em surpresa, para os dois) eles iniciam uma relação feita apenas de sensações, cheiros, olhares, gemidos e esquecimento de tudo que não estivesse dentro daquele quarto mormaçado e mudo.

“Deixou o sujeito lá, uma sala alta com uma cama grande e de lençóis muito brancos e frescos, ventilador zumbindo no teto, meia-luz provocada pela cortina estampada e um cheiro de magnólia no ar.”

“Sem permitir palavra, um nome que fosse, a Saúva delirava nos dedos dele, calada e perdida, e lhe tapava a voz, fazendo o gringo gemer preso na sua boca. [...] e ele se emaranhava mais no dourado-escuro dela, redemoinhava no grito e no gemido de bicho que ela soltava quase esgarçando a tare em farrapos.”

Expressões como “ele lhe ia comendo aos poucos”, “gozo apressado e forte” e “ela se inclinou sobre ele e bebeu da sua fonte” por não serem literalmente explícitas e entrelaçando-se com outras como “devorou o azul dos olhos” tornam-se expressões que sugerem um tom erótico. O amor que surge entre Das Dores e o gringo é silencioso, não verbalizado e se caracteriza por ações, mas de tão forte e profundo é capaz de “parar o sol e derramar vermelho no mundo” e de apresentar-se “– Frederico – ele ainda conseguiu dizer, entre todas as dores. – Das Dores – ela respondeu fechando-lhe os

olhos”. O conto brinca com as palavras que vão entre os ditos, e os não ditos. O amor aqui é mudo, feito sem falas.

“Ele queria mais, queria se perder, encafiar nela, lhe entrar poros adentro, engolir o corpo e o gemido; e se ela queria assim, assim seria. Nada de falas, amor mudo, feito de grunhido e gozo, uivar de bicho e lacerar de alma.”

O amor, que se inicia entre a praça e um quarto no prostíbulo, torna-se além de amor, dor e sofrimento para a personagem Saúva que depois da morte do gringo, Frederico, passara a ser “branca na roupa e na cor da boca, o cabelo emaranhado de dor, o peito mudo sem lamento e sem lágrima.” O amor ainda é mudo, mas Das Dores torna-se apenas um retrado do que foi um dia.

“... rejeitou consolo e comida, olhando a chuva, sem um sentimento no rosto, só aquele olhar perdido, impassível, como se o gringo tivesse partido levando as duas almas, a dele e a dela.”

O objetivo da vida de Janete não é o amor, mas sim uma melhora de vida, ela apenas queria um futuro bem posto com guarda-roupa, TV e coisas para andar nos “trinques”. Nesse conto não existem ações nem pretensões amorosas, as relações existentes são apenas sexuais e possuem interesses financeiros por trás.

“Quando o tempo foi passando e ela se aperfeiçoando na aprendizagem, começou então a entender o seu poder. Era ambiciosa. Viu que no meio das pernas estava o seu futuro.”

No conto posterior que é intitulado como “vida de santo”, Giselle vai até a igreja agradecer ao santo por esse ter “dado um jeito” na agora ex-mulher do doutor Raimundo, o qual passa a viver com Giselle. A moça é vista nesse conto pelo próprio santo como rapariga e quenga e chega a provocar sensações no próprio santo.

“O santo coloca um sorriso no rosto, tem um estremeção com aquele mundo de mulher ali, ajoelhada. Não foi nada, é só a missão do milagreiro, cumpri meu dever, que santo é pra essas coisas, faz pose de tímido, lança um olhar de esguelha. Não sabe bem o que fazer, e, quando a quenga se abaixa um pouco para acender as velas, ele arregala o olho, tem um tremelique e quase lhe despenca do decote.”

Sua história com o doutor é feita de sedução e sexo, que acabam por levar aos planos futuros de Giselle, essa consegue tudo que queria e o doutor acaba por largar tudo para ficar com ela.

O amor para Luzilene chamava-se Brad Pitt e depois que conheceu o loiro guardava seu coração a sete chaves, exclusivamente para ele. Conheceu o ator apenas nas telas de cinema, mas isso para ela não importava, o que sentia era amor e pronto. Depois desse dia no cinema a menina pasmara por ele de vez. A cunhã morava num flutuante no Tarumã e tinha nele um lugar reservado para si, este era todo coberto por fotos do loiro e lá ela ficava nas tardes de domingo embevecida a admirar as fotos na parede e a sonhar com o ator. A menina guardava o amor para Brad Pitt, mas se resolvia, o que ela abria era só as pernas.

“Luzilene ia no balanço moroso da rede, se enrolando na loirice do moço, no azul sorridente dos olhos e quando se via estava ela lá, toda pasmada com o que não tinha e não podia ter.”

Luzilene embalava seus devaneios e em uma noite de tempestade prendeu-se a seu próprio sonho, quando o flutuante soltou e com o tranco o candeeiro despreendeu-se da parede e cuspiu fogo pra todos os lados, foi em chamas levado pela correnteza, ali dentro do flutuante, ou nos sonhos de Luzilene o cartaz na parede tomou forma, tornou-se Brad Pitt e a menina que já havia “mergulhado no iludimento” não se deu conta de nada ao seu redor, só queria o Brad Pitt, mesmo sem saber se era homem ou boto.

“No ar tremeluzendo, se era homem, se era Boto, ela não se perguntava. O que queria era aqueles dedos de leite lhe tocando o corpo e a boca vermelha lhe bafejando a nuca.”

Entre contos e realidades

Quando lemos os contos de Das Dores, Giselle e A cunhã que amava Brad Pitt percebemos que o movimento das histórias é feminino, elas, as protagonistas é que vão dar o tom e o desfecho de cada um dos outros personagens na obra. Nota-se também, quando está se falando dos homens nos contos, que a presença deles dá-se em função das mulheres. Suas histórias são secundárias e giram em torno da protagonista feminina. A realidade dos contos é de um povo amazônico pobre e sofrido, mas com uma narrativa poética que fica entre a suavidade e o exagero.

Avaliando o comportamento das personagens dos contos de Vera do Val, poder-se-ia pensar que aparentemente em nenhum caso houve violência cometida contra elas. É possível? Até poderia ser se não estivéssemos diante de um texto literário que nas entrelinhas faz o jogo da presença/ausência, levando o leitor a perceber o discurso oculto que revela a denúncia daquelas que não tem opção, porque não lhes foi permitido o acesso a cidadania.

A primeira violência sofrida e comum nos três contos e na descrição do caso de Melissa e Emily é a praticada pelo lugar social em que as protagonistas estão inseridas. O contexto social trabalhado nos contos é o do universo feminino marginalizado socialmente, Das Dores em um momento da história aparece sem pai e mãe, sem um lugar para ocupar na sociedade na qual está inserida, ela desloca-se para a margem e o que lhe resta é a zona de prostituição, esse não é apenas o lugar escolhido pela personagem, mas também é o que a recebe e era a sua única opção.

Na história de Das Dores o que provoca a violência é o rompimento de um acordo, a quebra da regra que resulta na tortura em que a Saúva é deixada, essa tortura pode ser vista como o resultado da violência. A mulher fica num estado em que “quase deixa de existir”, pois era “como se o gringo tivesse partido levando as duas almas, a dela e a dele”. Chico impôs uma condição para “permitir” que a mulher continuasse com uma parte de sua vida na zona de prostituição, “Aceitou dividir, mas exigia que ela não se dedicasse a um só, que distribuísse os carinhos.” Das Dores cumpria o acordo mesmo depois da chegada do gringo a cidade, mas com o aparecimento deste no cabaré e a consumação do desejo de ambos “a Saúva mudou”, as mudanças nas ações da protagonista geram o ato violento. “A Saúva agora tá de cliente fixo, não aceita mais convite.” Chico mata Frederico, o gringo, na praça onde Das Dores e ele se viram pela primeira vez. Ele também tenta matar a Saúva, mas é impedido.

“Era um jeito dilacerado, olhar de pena, de entender e de se conformar com o fogo da dor e da agonia. [...] A Saúva se meteu em casa e lá ficou pasmada, sem palavras.” (Alzerinda, Histórias do Rio Negro, p. 28).

Em Giselle, o fato de a menina ter sido abusada desencadeia o desfecho da sua história? É decisivo pra entender o conto? É importante notar que essa informação vem seguida de “E ela gostou. Em troca de um guaraná gelado, meia dúzia de balas de goma, ele fazia a festa.” O acontecido aqui, não deixa de ser um abuso, mas ele dentro da obra não

vai ser decisivo para os “movimentos” seguintes (o motivo pelo qual os movimentos seguintes acontecem). O objetivo da vida de Janete era uma TV nova, um guarda-roupa bem posto, o que ela podia ter, e para ter o que queria se utilizava da prática sexual. O que vai levar sua história ao desfecho desejado por Giselle é a entrada de sua mãe, essa acaba por perceber os atributos de Janete e como “de bens no mundo só tinha filha” acreditou e apostou que esse “bem” podia lhe render bons frutos. Que tipo de bem a filha representa? Esse “bem” está relacionado à capacidade da filha de obter dinheiro, no caso de Giselle com a prática sexual, ou melhor, com essa prática aperfeiçoada e aplicada. Dona Oró tira proveito de Janete, a mãe queria sua parte no futuro da filha, e assim as duas dão um golpe no doutor Raimundo.

Luzilene deixava-se ser bulinar pelo velho da loja que lhe comprava as sobras do que ela não conseguia vender. A menina creditava que “amor com amor se paga”, há aqui além da troca, a permissão, pois a cunhã já entendia as coisas da vida e delas havia experimentado, e mais, essa troca “lhe convinha, pois lhe poupava trabalho e ainda lhe dava uns trocados”. O principal fato que irá nos levar não apenas a compreensão, mas ao desfecho do conto encontra-se no título do mesmo “A cunhã que Amava Brad Pitt”, esse amor leva a menina ao completo iludimento, pois o rio liberando o boto se apodera dos devaneios de Luzilene com Brad Pitt e na forma do mesmo, leva, para sempre, embora a menina.

Mas o que essas histórias falam de realidades como as de Emily e Melissa? As histórias literárias se utilizam da fantasia para falar do real, essa ordem do mundo precisa ser modificada para que a própria torne-se mais expressiva. As irmãs do caso narrado, foram abusadas pelo pai, Melissa é na voz da mãe algo que se tornou ruim, usuária de drogas, possivelmente grávida e Emily fica no lugar de exploração sexual, sem voz, sem ser ouvida. A literatura vai narrar essas histórias, por meio do poético, utilizando-se da suavidade e também do exagero, buscando denunciar os problemas e mazelas sociais.

Conclusão:

A literatura é uma forma possível de falar da realidade, principalmente quando esse texto literário vai perceber as mazelas que pairam entre os nossos “não ditos” sociais. O trabalho com os contos de Vera do Val nos apresentam uma “realidade” presente na região Amazônica, mas também nos fazem perceber que quando falamos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes não estamos tratando sobre um problema isolado a uma região, mas sim de algo comum a outros lugares e principalmente que se trata de um problema social que precisa ser visto e pensado como tal.

As narrativas dos três contos, Das Dores, Giselle e A Cunhã que Amava Brad Pitt, foram trabalhadas em paralelo com casos de abuso e exploração de menores no Amazonas, que haviam sido estudados por pesquisadores do núcleo Azulilás (UFAM), as histórias não são necessariamente iguais, mas tratam de situações semelhantes. Histórias como as de Vera do Val podem nos ajudar a perceber realidades como as de Emily e Melissa. A literatura nem sempre vai fazer um movimento que aponte para uma realidade social e cultural, mas o que podemos perceber aqui são as perspectivas de determinada autora sobre um povo, uma região.

Os contos nos possibilitam pensar e levantar várias perguntas e porquês de determinados movimentos nas histórias, durante o decorrer da pesquisa algumas dessas questões não ficam necessariamente claras, como é o caso do Rio Negro como representação de masculinidade do lugar, na visão da autora, perguntas como essas podem não ser respondidas, mas servem para pensar movimentos maiores durante o trabalho.

Referências Bibliográficas:

DO VAL, Vera. Histórias do Rio Negro, WMF MARTINS FONTES, 2007;

HONORATO, Isabelle Brambilla. Abuso sexual e as relações de poder na família: uma análise dos casos atendidos no CREAS – Manaus. Relatório final PIBIC 2011/ 2012 - UFAM. Orientada pela Professora Doutora Raquel Wiggers. Manaus, 2012.

HONORATO, Isabelle Brambilla. Abuso sexual: conflitos familiares e relações de poder em casos atendidos no Creas Nossa Senhora das Graças em Manaus. Manaus, 2014.

WIGGERS, Raquel; HONORATO, Isabelle Brambilla; LIMA, Natã Souza. Abuso sexual e conflitos familiares em Manaus. Anais do 3º encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia. Manaus. UFAM, 2012.

GROSSI, Miriam Pillar. Violência, gênero e sofrimento. p 121 – Educação em direitos humanos: discursos críticos e temas contemporâneo/ Theophilos Rifiotis, Tiago Hyara Rodrigues (Org.). – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. – 2ed. Octavio Paz; tradução de Olga Savary. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. -9.ed. -Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1967.

COSTA, Lígia Militz da, 1942- A Poética de Aristóteles/ Lígia Militz da Costa. -2.ed. – São Paulo: Ática.2006

MONTAGNARI, Eduardo. Sociedade na literatura e Literatura na Sociedade. <http://pt.scribd.com/doc/16226217/A-SOCIEDADE-NA-LITERATURA-E-A-LITERATURA-NA-SOCIEDADE>. Acesso em 16 de março de 2013.

D'AGOSTINO, Rosanne. Denúncias de abuso e exploração de menores quase triplicam em 2011, G1, São Paulo, 17 maio 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/05/denuncias-de-abuso-e-exploracao-de-menores-quase-triplicam-em-2011.html>. Acesso em 20 de novembro de 2013.

BRASIL, Kátia. Virgindade de meninas índias vale R\$20 no Amazonas, Folha de São Paulo, São Paulo, 04 nov. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/11/1179864-virgindade-de-meninas-indias-vale-r-20-no-amazonas.shtml>. Acesso em 20 de novembro de 2013.

BRASIL, Kátia. Polícia busca empresários e políticos suspeitos de pedofilia no AM, Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 nov. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1189977-policia-busca-empresarios-e-politicos-suspeitos-de-pedofilia-no-am.shtml>. Acesso em 20 de novembro de 2013.

